

APRENDER ESCRITA DAS LÍNGUAS DE SINAIS (ELIS) PRA QUÊ?: UM ESTUDO ENVOLVENDO AS PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DE LICENCIATURA EM LETRAS: LIBRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

LEARNING SIGN LANGUAGE WRITING (ELIS) WHY?: A STUDY INVOLVING THE PERCEPTIONS OF UNDERGRADUATE STUDENTS IN LETTERS: LIBRAS AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF GOIÁS

Guilherme Gonçalves de Freitas 1
Francisco José Quaresma de Figueiredo 2

Resumo: Neste artigo, analisamos as percepções dos/as estudantes de licenciatura em Letras: Libras, da Universidade Federal de Goiás (UFG), em relação à importância ou não da Escrita das Línguas de Sinais (ELIS) para seu processo de aprendizagem. Do ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo de caso, de caráter qualitativo interpretativista, e os dados foram coletados por meio de entrevista. A partir das respostas dos/as estudantes, o ensino de ELIS é importante porque os/as alunos/as têm a oportunidade: de registrar a língua e de se comunicarem; de memorizar os sinais; de aprimorar o conhecimento da língua de sinais; de usar a ELIS para ensinar a seus/suas futuros/as alunos/as; e de aprimorar-se profissionalmente. No entanto, um dos participantes alega que, devido ao fato de não existir o ensino de Libras e da ELIS como disciplina obrigatória nas escolas, a aprendizagem desse sistema de escrita não é tão importante para sua formação.

Palavras-chave: Escrita. Escrita das Línguas de Sinais (ELIS). Aprendizagem. Formação Profissional.

Abstract: It must be written in Portuguese and cover brief and concrete information about the object of the academic work, objectives, methodology, discussion, conclusions of the work, but in a continuous and dissertative way, in just one paragraph. The Abstract must be formatted in Arial 10 font, single-spaced and justified. It must be up to 150 words and the use of symbols, references, formulas, etc. is not allowed. The verb must be used in the active voice and in the third person singular, with preference for affirmative and concise sentences in a single paragraph. 3 to 5 keywords must be presented, separated by a period.

Keywords: Writing. Sign Language Writing (ELIS). Learning. Professional Qualification.

-
- 1 Doutorando no curso de Letras e Linguística (UFG). Mestre em Letras e Linguística pela UFG. Especialista em Linguística das Línguas de Sinais (UFG) e em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Licenciatura em Letras Libras pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Graduado em Pedagogia (Centro Universitário FIEO).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1111921836611289>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2897-489X>. E-mail: guilhermefreitaslibras@gmail.com
 - 2 Pós-Doutor. Doutor. Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Titular de Língua Inglesa pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Linguística e graduado em Letras Português e Inglês e pela mesma Universidade.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1701940743664871>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5936-1578>. E-mail: fquaresma@terra.com.br


Introdução

Desde o período paleolítico, a escrita sempre esteve entre as maiores invenções da história humana (COULMAS, 2014; HIGOUNET, 2003). Higounet (2003) esclarece que o homem primitivo, naquela época, recorria a objetos simbólicos ou a sinais materiais para reproduzir a escrita como forma de fixar o pensamento a partir das tarefas que eram realizadas durante o dia a dia. Hoje, a escrita tem um papel muito importante no processo de comunicação, pois, além de ser um instrumento capaz de expressar ideias e transmitir significados, o ato de escrever desempenha um papel importantíssimo para obtenção de conhecimentos (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

Devido a esses benefícios, é inegável pensar que a escrita não seja importante para a aprendizagem de uma língua. Até pouco tempo, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) era considerada uma língua ágrafa, até o surgimento do sistema de *SignWriting*, que teve sua origem em estudos de pesquisadores dinamarqueses na década de 1970 (FREITAS, 2020). No Brasil, a pesquisadora Mariângela Estelita Barros desenvolveu, em sua dissertação de mestrado, em 1998, a Escrita das Línguas de Sinais (ELiS¹), proposta estruturada em 95 visografemas (formas gráficas), os quais caracterizam a configuração de dedos (CD), a orientação da palma (OP), o ponto de articulação (PA) e o movimento (M) de um sinal² (BARROS, 2015).

Desde a criação da ELiS até os dias atuais, a escrita vem evoluindo no que diz respeito aos seus aspectos linguísticos. Hoje é um sistema de escrita, como qualquer outro, que apresenta um conjunto de regras específicas, a começar pela ordem de escrever um sinal. Segundo Barros | (2015), a escrita é alfabética e linear, e o processo de leitura e escrita acontece da esquerda para a direita, obedecendo à seguinte ordem: primeiramente, se escreve e se lê a posição do dedo polegar e depois a dos demais dedos. Em seguida, registra-se a orientação da palma, se para frente ou para trás, se para cima ou para baixo, ou se para esquerda ou para direita. O terceiro grupo a ser registrado e lido é o ponto de articulação, isto é, o local onde o sinal é realizado, se na boca, no tórax, na orelha, na testa, na sobrelanceira etc. Por fim, o movimento, ou seja, se o sinal é realizado para cima, para baixo, para esquerda, para direita etc. Neste último grupo, há casos em que não há necessidade de registro, uma vez que muitos sinais na Libras são realizados sem movimento. Vejamos, a seguir, um exemplo de sinal em Libras e em ELiS, que é constituído por todos os grupos (CD, OP, PA e M):


Figura 1. Sinal /VOCÊS/ em Libras/ELiS



Estrutura do sinal em ELiS				Escrita em ELiS	Glosa	Português	Libras sinalizada
CD	OP	PA	M				
.I	☐	☐	→	.I☐☐→	/VOCÊS/	Vocês	

Fonte: Elaborado pelos autores deste texto.

1 Para mais detalhes sobre a estrutura básica da ELiS, veja Barros (2015) e Freitas (2020).

2 Neste artigo, a palavra “sinal” refere-se à “combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo” (FELIPE, 2001, p. 20) para representar palavras em línguas de sinais. Assim, o termo “sinal”, tem o mesmo significado que o termo “palavra”.

Na Figura acima, o sinal /VOCÊS/, em Libras/ELiS, se escreve e se lê da seguinte maneira: o dedo polegar é registrado por um *pontinho* para indicar que ele está fechado, o indicador por um *traço*, na vertical, para indicar que ele está completamente estendido, e os demais dedos, como estão na mesma posição, por apenas um *pontinho*, para indicar que todos eles estão fechados. Em seguida, a orientação da palma, o visografema indicado mostra que a palma está para baixo  .

No terceiro grupo, o ponto de articulação, indica que o sinal é realizado no espaço neutro, em frente ao tórax, sendo representado pelo visografema  . Por fim, o movimento da esquerda para direita, que é indicado por uma seta  .

De um ponto de vista histórico, a ELiS estabelece um marco primordial para os/as aprendizes e falantes de Libras, uma vez que possibilita a produção e o acesso a textos na modalidade escrita. De acordo com Freitas (2020) e Moraes (2021), isso amplia o universo linguístico dos/as alunos/as e empodera a comunidade Surda³. Além de facilitar o registro dos sinais de forma eficaz, o que facilita a memorização e a aprendizagem de Libras sem fazer o uso de imagens e vídeos, a ELiS disponibiliza, ao sujeito Surdo, uma nova forma de ser, estar, interagir e experienciar o mundo por intermédio de sua própria língua materna. Esse ponto é de extrema relevância quando se considera a opressão sofrida pelos sujeitos Surdos pela escrita em língua portuguesa. Em vista disso, reitera-se a importância da escrita enquanto elemento constitutivo da identidade desses indivíduos. Silva e Bolsanello (2014) explicam que a língua portuguesa escrita não apresenta uma natureza próxima à dos Surdos/as, visto que ela é uma codificação dos sons fonéticos dessa língua. Dessa maneira, se os/as Surdos/as não têm acesso a esses sons, a escrita acaba se tornando uma manifestação abstrata e o significado atribuído a ela não passará de uma simples memorização.

Ao contrário disso, a aprendizagem de ELiS é um passo fundamental para a aprendizagem de Libras, pois ela dá, ao sujeito Surdo/a e ouvinte, condições de registrar a língua sem perder elementos linguísticos importantes (FREITAS; FIGUEIREDO; BARROS, 2019). Além do mais, com uma revisão dos estudos da neuropsicologia cognitivista (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999), Silva e Bolsanello (2014) observam que, por meio de uma escrita de sinais, o/a Surdo/a terá maior facilidade para aprender a escrita da língua falada, dado que ele/ela contará com um atributo a mais para a adesão dessa segunda língua (L2). Como ilustração, Aguiar e Vicente (2017) demonstram que a aprendizagem de uma língua escrita padrão, o português, por exemplo, mesmo para os/as falantes dessa língua, pode ser comparado a um processo de aprendizagem de uma L2. Se a aprendizagem dessa forma gráfica é árdua até mesmo para os/as ouvintes, os/as Surdos/as que não conseguem ver uma associação clara entre o fonema e a grafia possuem a frente um obstáculo imenso.

Com base nessas discussões, a realização desta pesquisa se torna importante porque se propõe a discutir um assunto ainda incipiente tanto na comunidade surda quanto na ouvinte, que é a escrita de sinais. Afinal, muitos/as pesquisadores/as, professores/as, intérpretes e tradutores/as de língua de sinais ainda questionam a importância da ELiS na formação dos/as aprendizes. Além disso, este estudo se mostra relevante porque irá investigar, a partir das narrativas dos/as estudantes, a validade da ELiS no contexto de ensino-aprendizagem de Libras.

Nesse sentido, nosso objetivo foi identificar quais seriam as percepções dos/as estudantes sobre a importância ou não da ELiS para sua formação acadêmica e profissional. Participaram deste estudo 21 estudantes de uma turma do 5º período do curso de licenciatura em Letras: Libras da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Este artigo está estruturado em quatro seções. Na primeira, apresentamos o referencial teórico que traz estudos que tratam da relevância da escrita para a aprendizagem de línguas. Na segunda, descrevemos a metodologia. Na terceira, fazemos a análise e a discussão dos dados. Na quarta, apresentamos as considerações finais.

A relevância da escrita para a aprendizagem de línguas

A escrita é definida como um processo de “representação dos sons da fala, em forma de

3 Neste estudo utilizamos o termo Surdo/a, com ‘S’ maiúsculo, por considerarmos o/a Surdo/a como uma pessoa sem deficiência e que possui uma cultura e uma identidade linguística específica.

sinais gráficos com o objetivo de conservá-la ou transmiti-la” (PONTIN; SILVA, 2010, p. 1). Segundo a gramática normativa, a escrita é um conjunto de símbolos que obedecem a padrões ou a regras já estabelecidas para registro de uma língua (BOTTÉRO; MORRISON, 1995; HIGOUNET, 2003).

Higounet (2003, p. 11) define a escrita como um conjunto de sinais que possui “um sentido estabelecido de antemão por uma comunidade social e que seja por ela utilizado”. Segundo o autor, “é preciso que esses sinais permitam gravar e reproduzir uma frase falada”, e sejam capazes de transmitir mensagem ao leitor em um processo contínuo de geração de ideias (BOTTÉRO; MORRISON, 1995; HIGOUNET, 2003).

Ao se considerar a escrita como um conjunto de sinais, bem como uma forma de poder gravar e reproduzir um enunciado, qual seria o seu papel no processo de aprendizagem de línguas? Isto é, como a escrita pode auxiliar os/as estudantes que estão aprendendo um novo idioma?

Para responder a esse questionamento, trazemos alguns estudos que mostram a importância da escrita em diferentes contextos. No contexto educacional, por exemplo, a escrita acompanha o/a estudante por todo o seu processo de formação intelectual. Ela está presente na alfabetização, quando a criança começa a reconhecer as letras e os sons das palavras, no ensino fundamental e médio, quando os/as aprendizes a usam para escrever suas tarefas e, também, se estende por toda a vida acadêmica, quando estudantes e professores/as a usam para ensinar e aprender. Nesses contextos, a escrita possibilita enormes contribuições para a aprendizagem de línguas, bem como é uma importante ferramenta para a aquisição de qualquer conteúdo (DOLZ; GAGNON; DECÂNDIO, 2010; KLIMOVA, 2013; SEBBA; FERREIRA, 2017).

Nesse sentido, a prática da escrita se revela como um componente fundamental para a aprendizagem de qualquer assunto, pois, ao escrever, temos a capacidade de fixar de maneira mais eficaz o conhecimento adquirido. Além disso, a escrita se mostra útil ao possibilitar que o/a educando/a faça anotações durante as aulas para depois poder recorrer a elas (ARAÚJO; FIGUEIREDO, 2015; SILVA, 2008).

Algumas pesquisas têm evidenciado que a escrita vai além do processo de registro e memorização (BIANCHETTI, 1996; KLIMOVA, 2013; SEBBA; FERREIRA, 2017). Klimova (2013), por exemplo, destaca que ela proporciona diversos benefícios aos aprendizes, sendo eles: expressar a personalidade, desenvolver habilidades cognitivas, promover a comunicação, oferecer a oportunidade de refletir sobre suas próprias ideias e reavaliá-las, como também contribui para que os/as estudantes desenvolvam suas capacidades cognitivas, comunicativas e afetivas durante a aprendizagem da língua que estão aprendendo.

Sebba e Ferreira (2017, p. 85) destacam que o/a aprendiz, ao realizar uma tarefa, “pensa, elabora, testa hipóteses para dar sentido ao que escreve, favorecendo o desenvolvimento de seu potencial cognitivo, e utiliza estratégias comunicativas para se fazer entendido/a, reforçando seu potencial comunicativo.”

Para Dolz, Gagnon e Decândio (2010, p. 16), “a escrita desempenha um papel central na aprendizagem das disciplinas escolares em que ela atua como filtro”. Nesse sentido, o/a aprendiz pode construir suas ideias, sistematizar e socializar o conhecimento com os outros, elaborar e interpretar significados, narrar eventos e experiências, como também tem a oportunidade de registrar sua própria história de vida.

No processo de ensino de línguas orais, escrever é uma das quatro habilidades linguísticas trabalhadas pelos/as professores/as. Além da escrita, em sala de aula são trabalhadas outras habilidades, a saber: compreensão oral e compreensão escrita (leitura) e a habilidade de produção oral (GOMES; RIOS; OLIVEIRA, 2017; LIMA; SILVA, 2017; SEBBA; FERREIRA, 2017). Nesse aspecto, um/a aprendiz necessita perpassar por uma gama de habilidades para conseguir ter domínio da língua. Nesse processo, a produção e a compreensão escrita são fundamentais para a aprendizagem, uma vez que, por meio dela, o/a aprendiz da língua consegue se expressar, registrar informações, memorizar, e, principalmente, atribuir relações claras entre significantes e significados.

Ao relacionarmos tais habilidades ao contexto de Libras, as habilidades de produção escrita e compreensão de leitura ficam mais distantes no contexto de ensino-aprendizagem dessa língua, pois, ao se escrever um sinal utilizando o alfabeto greco-latino, o registro das palavras traz descrições muito extensas e pouco precisas (FREITAS; FIGUEIREDO; BARROS, 2019). Logo, os/as estudantes de Libras, na sua grande maioria, têm dificuldades em utilizar esse recurso como ferramenta no auxílio

da aprendizagem e acabam tendo mais dificuldades para registrar e refletir sobre sua forma escrita. Quadros (1997, p. 5) afirma que a escrita da língua portuguesa

não serve para representar significação com conceitos elaborados na Libras, uma língua visual espacial. Um grafema, uma sílaba, uma palavra escrita no português não apresentam analogia nenhuma com um fonema, uma sílaba e uma palavra na Libras, mas sim com o português falado.

Além da escrita da língua portuguesa, o uso de dicionários e manuais de língua de sinais também não colabora de forma significativa para a aprendizagem de língua de sinais. Sofiato e Reily (2018) explicam que alunos/as iniciantes têm dificuldades em decifrar a forma correta de realizar os sinais apresentados nos verbetes dos dicionários, uma vez que os/as estudantes, em sua grande maioria, não têm conhecimento linguístico da língua. Logo, será muito difícil que eles/elas acertem a forma correta de representação do sinal.

Outro recurso muito utilizado por alunos/as iniciantes em contato com a Libras é a utilização de imagens e notações em língua portuguesa para registrar a língua. Diversos autores destacam que esses recursos não conseguem trazer um registro claro, padronizado e devidamente fiel às línguas de sinais, pois acabam ocultando marcas específicas de um sinal, como a posição dos dedos, a orientação da palma, a locação, os movimentos com repetições e as expressões não manuais de forma correta (MCCLEARY; VIOTTI; LEITE, 2010; PAIVA *et al.*, 2016; RIGO, 2018; SANTIAGO, 2014).

Nesse sentido, “a escrita (seja ela impressa ou digital) ainda é, de longe, o instrumento mais utilizado em todo o mundo, justamente pela simplificação e padronização que atinge” (MCCLEARY; VIOTTI; LEITE, 2010, p. 265). Dessa maneira, a utilização da escrita de sinais, seja em sala de aula ou em registro de dados, pode se tornar uma ferramenta útil e viável, sem perda das propriedades linguísticas que a caracterizam (FREITAS; FIGUEIREDO; BARROS, 2019).

Bottéro e Morrison (1995, p. 20, grifos dos autores) afirmam que

o discurso escrito transcende o espaço e a duração: uma vez fixado, pode, por si mesmo, ser difundido por inteiro em todos os lugares e todos os tempos, em toda parte onde encontra um “leitor”, bem além do círculo obrigatoriamente estreito dos “auditores”.

Como vimos, a escrita é um dos principais instrumentos para aprendizagem de línguas, pois pode levar o/a aprendiz a compreender a sua gramática e o seu funcionamento, bem como pode ser uma ferramenta muito utilizada para fazer anotações ou relatar e reter informações que são passadas nas aulas. No entanto, não é muito comum os/as professores/as de Libras levarem os/as alunos/as a ler e a escrever na língua que estão aprendendo. Nas aulas de Libras, por exemplo, o/a estudante presta atenção nas explicações do/a professor/a e, muitas vezes, acaba não refletindo, a partir da escrita, sobre elas. Também é muito comum, nas escolas e instituições de ensino superior que ensinam Libras, a resistência de alguns/algumas profissionais em trabalhar as duas modalidades (sinalizada e escrita), visto que podem ter pouco domínio no uso da escrita das línguas de sinais (FREITAS; FIGUEIREDO; BARROS, 2019).

A utilização da escrita das línguas de sinais (ELIS), nas aulas de Libras, dá à/o professor/a a oportunidade de trabalhar a leitura e a escrita em suas aulas, não ficando tão dependente de outros recursos metodológicos, tais como o uso de vídeo, apostilas e *slides*. Além disso, o/a aluno/a Surdo/a ou ouvinte terá mais autonomia de aprendizagem, pois poderá registrar, refletir sobre a língua e expressar suas ideias por escrito, de forma padronizada e econômica, respeitando os elementos linguísticos presentes nas línguas, o que não seria possível caso utilizassem a escrita das línguas orais para representar um sinal em qualquer língua de sinais (BIANCHETTI, 1996; FERNANDES, 2015; FREITAS; FIGUEIREDO; BARROS, 2019; SILVA, 2008).

Nesse sentido, é necessário fazer das instituições educacionais um local onde a leitura e a escrita “sejam práticas vivas e vitais, onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitem repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento” (PORTELA, 2013, p. 120). Dessa forma, acredita-se que a utilização da escrita de sinais, nas aulas de Libras, pode levar os/

as estudantes a ter mais contato com a língua, pois o/a professor/a de Libras, ao trabalhar as duas modalidades, sinalizada e escrita, pode levar os/as aprendizes a ter outras experiências linguísticas, como a leitura.

A leitura é uma das quatro habilidades linguísticas mais importantes no contexto de ensino-aprendizagem de línguas. Ao ler, os/as alunos/as têm a oportunidade de expandir novas experiências teóricas e adquirir novos conhecimentos. Dessa forma, o/a docente de Libras, ao trabalhar a modalidade de escrita de sinais, possibilitaria aos/às alunos/as ter uma atuação mais autônoma no processo de aprendizagem, não ficando tão dependentes apenas das explicações do/a professor/a em sala de aula. Assim, os/as estudantes não precisam ficar, horas e horas, memorizando mecanicamente os sinais, visto que irão usá-los de um modo significativo. Dessa forma os/as alunos/as seriam capazes de fazer as leituras dos textos em diversas disciplinas e de aprender os sinais recém-memorizados.

Kato (2000, p. 82) traz uma importante reflexão sobre a leitura e a escrita. A autora explica que uma pessoa, quando é alfabetizada ou letrada na língua que fala, “pode ler e compreender tudo que ela compreenderia se a mesma coisa fosse dita oralmente, e ela pode escrever tudo aquilo que ela pode falar”. Essa citação revela que um/a aprendiz precisa ler e escrever na sua língua. Isso significa que, no Brasil, é preciso valorizar uma pedagogia de ensino voltada para os/as Surdos/as, reconhecendo sua língua e sua escrita. O reconhecimento de uma pedagogia bilíngue que valorize apenas a modalidade sinalizada ainda transforma os/as Surdos/as em *prisioneiros* de uma vertente oralista⁴, pois a criança tende a aprender a língua portuguesa escrita como L1. Dessa forma, poderíamos dizer que essas crianças “são vítimas daquilo que poderíamos chamar de “assassinato pedagógico do sonho de escrever””, como explicam Luiz *et al.*, (1996, p. 184, grifo dos autores).

Nesse sentido, concordamos com as reflexões trazidas por Kramer (1996, p. 170), quando explica que “não bastam políticas de alfabetização; é necessário clareza e vontade política para desencadarmos políticas de acesso à escrita. Contudo, também políticas de acesso à escrita não bastam: faz-se urgente uma política cultural”.

Metodologia

Esta pesquisa é um estudo de caso, de caráter qualitativo interpretativista. O estudo de caso foi o método escolhido para realização desta pesquisa por ser um método que possibilita maior aproximação do/a pesquisador/a com a comunidade envolvida na pesquisa (MOREIRA; CALEFFE, 2008). Por outro lado, o paradigma qualitativo se justifica pela oportunidade de compreender as narrativas dos/as estudantes, isto é, suas atitudes, percepções, experiências e reflexões sobre a importância ou não da ELiS para suas formações enquanto futuros/as professores/as.

Vale lembrar que, na Universidade Federal de Goiás (UFG), a disciplina de Escrita de Sinais (ELiS) é obrigatória nos cursos de licenciatura em Letras: Libras e de bacharelado em tradução Libras/Português. Nos cursos de licenciatura, por exemplo, a disciplina é oferecida em três módulos, tendo uma carga horária de 192 horas, divididas em 64 horas para cada disciplina, a saber: Introdução à Escrita de Sinais (3º período); Escrita de Sinais 1 (4º período); e Escrita de Sinais 2 (5º período).

Neste estudo, o foco de investigação ocorreu durante o primeiro semestre de 2019, em uma sala de aula com 34 alunos/as do curso de licenciatura em Letras: Libras da UFG. Desses 34 estudantes, apenas 21 alunos/as matriculados/as na disciplina de Escrita de Sinais 2 aceitaram participar da pesquisa. Justificamos a escolha em trabalhar com esse contexto por dois motivos: o primeiro, porque um dos autores deste artigo atuava como professor da disciplina; e o segundo, porque, para nós, era importante realizar a pesquisa com esses/as participantes, em virtude de, na época, estarem cursando o último módulo da disciplina. Desse modo, acreditamos que trabalhar com esse público foi importante porque todos/as eles/elas poderiam refletir sobre a importância de terem cursado a disciplina durante toda a sua formação acadêmica.

4 O oralismo é defendido por alguns profissionais ouvintes como meio oficial de comunicação. De acordo com essa visão, os Surdos aprendem a falar através da leitura labial. Tal abordagem desconsidera a língua de sinais como língua natural dos Surdos, negando, assim, o acesso a essas pessoas à comunicação, à expressão e à cultura (OLIVEIRA; FIGUEIREDO, 2017).

Parte dos dados desta pesquisa advém de um estudo de dissertação realizado pelo primeiro autor, intitulado *Escrevendo em Libras/ELiS: estratégias de produção colaborativa de textos*. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFG através do parecer de nº 3.207.42547. Nesse estudo, os dados foram gerados no período de 22 de abril a 6 de junho de 2019. Para a geração dos dados foram utilizados os seguintes instrumentos: questionário inicial; gravações em vídeo das interações realizadas em sala de aula, tanto em Libras como em português, como também gravações em áudio e em vídeo das entrevistas semiestruturadas; e as folhas de papel A4 personalizadas para escrita dos textos referentes a duas tarefas, em que os/as estudantes assistiram a duas produções filmicas e, depois, puderam escrever as respectivas histórias, em Libras/ELiS, com a ajuda do/a colega.

Nesta pesquisa, apresentamos apenas os dados que foram coletados por meio de uma entrevista com 21 participantes, que escolheram para si pseudônimos, com o objetivo de preservar sua identidade. Dos 21 estudantes matriculados/as na disciplina de ELiS 2, 3 são do sexo masculino e 18 do sexo feminino, com idade variando de 19 a 53 anos, sendo 5 Surdos/as e 16 ouvintes. A maioria dos/as estudantes iniciou seus estudos com a Libras recentemente, com exceção de 9 participantes que estudavam Libras há mais de 5 anos.

Vale ressaltar que as entrevistas semiestruturadas foram realizadas em português com os/as alunos/as ouvintes e, em Libras, com os/as alunos/as Surdos/as. Em relação aos procedimentos para transcrição das entrevistas realizadas com os/as estudantes, optamos por dois procedimentos: os dados oralizados pelos/as participantes ouvintes foram transcritos para o português escrito; e os dados sinalizados pelos/as participantes Surdos/as foram escritos em Libras/ELiS, acompanhados da tradução em português.

Resultados e discussões

Nesta seção, são apresentados os dados levantados na pesquisa por meio da aplicação da entrevista com os/as participantes, conforme será visto a seguir.

Afinidade dos/as estudantes com a ELiS

Do total de 21 estudantes, 15 (71,5%) alegaram gostar de estudar ELiS. 4 estudantes (19%) mencionaram não gostar, e 2 (9,5%) se mostraram indiferentes, como é ilustrado a seguir:

Tabela 1. Afinidade dos/as alunos/as com a ELiS

Participantes	Gosta de estudar ELiS?			TOTAL
	Sim	Não	Indiferente	
Surdos/as	3 (14,3%)	-	2 (9,5%)	5 (23,8%)
Ouvintes	12 (57,2%)	4 (19%)	-	16 (76,2%)
TOTAL	15 (71,5%)	4 (19%)	2 (9,5%)	21 (100%)

Fonte: Elaborado pelos autores deste texto.

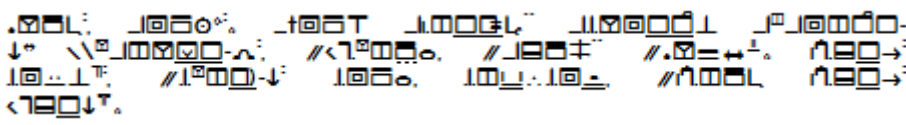
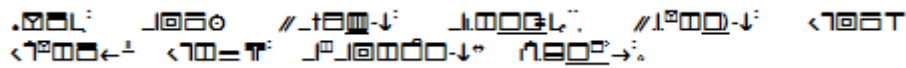
Entre os/as alunos/as que relataram não gostar de estudar ELiS, quatro ouvintes mencionaram não gostar de estudar a disciplina. No entanto, três desses quatro relataram que consideram a ELiS importante para aprendizagem de Libras. Uns dos fatores que contribuem para que esses/as alunos/as não gostem de estudar a disciplina é a quantidade de tarefas que são trabalhadas ao longo do semestre e o incipiente domínio de Libras, dos/as discentes, para escrever os textos em Libras/ELiS, como podemos observar nos seguintes relatos:

Pesquisador:	Gosta de estudar ELiS? Em caso positivo, por quê? Em caso negativo, por que não?
[1] Anny (ouvinte):	Não. Essa matéria me cansa muito, pois são muitas atividades, o que é bom para a melhor percepção de novos sinais. Porém, não sei muitos sinais e isso acaba fazendo minha evolução em um texto pequeno demorar muito. Isso me causa medo, porque parece que não estou evoluindo.
[2] Juliana (ouvinte):	Não. Eu não sinto prazer em estudar ELiS, pois não sou fluente em Libras e isso dificulta bastante, porém sei que é algo importante.

Fonte: Dados da entrevista.

Esses relatos evidenciam que o pouco conhecimento de Libras das estudantes desencadeia um pouco de resistência para aprender ELiS. Nesse sentido, é importante que os/as professores/as de Libras criem estratégias em suas aulas, de modo que os/as alunos/as, ao terem contato com a escrita de sinais, não se sintam ansiosos. É importante, nesse processo inicial, que a aprendizagem da escrita aconteça de forma que os/as estudantes se sintam motivados/as a aprender, e não pressionados/as, pois isso pode ocasionar certa resistência àqueles/as com mais dificuldades, corroborando os achados de Dolz, Gagnon e Decândio (2010).

Os/As alunos/as Surdos/as e ouvintes que mencionaram gostar de estudar a disciplina apontaram que, ao estudarem a ELiS, podem ter a oportunidade de aprender Libras e a oportunidade de registrar a língua, como podemos observar nos trechos abaixo:

Pesquisador:	Gosta de estudar ELiS? Em caso positivo, por quê? Em caso negativo, por que não?
[3] Serena (Surda):	 <p>[Sim, eu gosto. Pra mim, a ELiS mostra as unidades da Libras de maneira muito clara. É uma escrita interessante, porque nós, Surdos, podemos fazer o uso dela para escrever.]</p>
[4] Carol (ouvinte):	Na verdade, eu não gostava. Peguei, assim, uma aversão quando eu comecei a tirar nota baixa, coisa que eu nunca tirei. Mas lendo alguns textos da professora de metodologia de ensino de línguas, aí fui entendendo o quanto é necessário a ELiS para quem aprende Libras. É uma maneira de eu gravar o sinal na minha cabeça. Eu percebo que, quando escrevo um sinal, eu não esqueço facilmente. Então, agora, estou procurando não fazer anotações do sinal em português.
[5] Gomes (ouvinte):	Sim, acho muito interessante a escrita de sinais, pois ela me ajuda a lembrar e aprender sinais novos.
[6] Nike (Surdo):	 <p>[Sim eu gosto de estudar ELiS, pois é uma maneira nova de poder aprender Libras escrevendo.]</p>

Fonte: Dados da entrevista.

Nesses excertos, é possível observar a importância que a disciplina tem para a aprendizagem de Libras dos participantes deste estudo. No relato de Carol (ouvinte), notamos que a escrita tem

um papel importantíssimo para que ela possa aprender e memorizar os sinais. Essas características, mencionadas por Carol (ouvinte), Nike (Surdo), Gomes (ouvinte) e Serena (Surda), corroboram a afirmação de Freitas; Figueiredo e Barros (2019) de que a escrita aumenta as chances dos/as aprendizes estarem mais próximo dos conteúdos que são ensinados em sala de aula, como também é uma forma de ampliar o processo comunicativo entre os/as estudantes, de modo que eles/elas tenham possibilidades de pensar, refletir, criar e (re)criar ideias durante a produção escrita.

Percepção dos/as estudantes em relação à relevância da ELiS para suas formações

Durante a entrevista, buscamos saber dos/as alunos/as a opinião deles/delas em relação a ELiS, isto é, se achavam relevante a disciplina para sua formação acadêmica e profissional.

Os resultados apresentados na Tabela 2 indicam que, dos 21 participantes que responderam às entrevistas, 19 (90,4%) pontuaram ser importante a ELiS, 1 mencionou não ser importante (4,8%) e outro (4,8%) não soube responder, conforme podemos observar a seguir:

Tabela 2. Percepção dos/as alunos/as sobre a importância da ELiS para sua formação

Participantes	Você considera importante a ELiS para sua formação?			TOTAL
	Sim	Não	Indiferente	
Surdos/as	4 (19%)	-	1 (4,8%)	5 (23,8%)
Ouvintes	15 (71,4%)	1 (4,8%)	-	16 (76,2%)
TOTAL	19 (90,4%)	1 (4,8%)	1 (4,8%)	21 (100%)

Fonte: Elaborado pelos autores deste texto.

Mediante as respostas dos/as alunos/as no questionário e nas entrevistas, foi possível apontar diversas aplicações e benefícios da ELiS tanto para o processo de ensino-aprendizagem, como para o seu uso no cotidiano, conforme podemos observar no Quadro a seguir:

Quadro 1. Pontos positivos e negativos da ELiS na formação dos/as alunos/as

Participantes	Pontos positivos	Pontos negativos
Surdos/as e Ouvintes	Oportunidade de registro e de comunicação; Oportunidade de memorização dos sinais; Oportunidade de aprimoramento da língua; Oportunidade de ensinar aos futuros alunos; Oportunidade de aprimoramento profissional.	O fato de o ensino de Libras e de ELiS ainda não estar inserido nas escolas como disciplina obrigatória.

Fonte: Elaborado pelos autores deste texto.

Aspectos positivos

Sobre os pontos positivos percebidos pelos/as participantes desta pesquisa, vejamos suas respostas a seguir.

Oportunidade de registro e de comunicação

Um dos pontos positivos mencionados pelos/as alunos/as sobre a aprendizagem da ELiS para sua formação foi a oportunidade de registrar a Libras por meio da escrita e de poder se comunicar nessa modalidade, como podemos observar nas falas de Anny (ouvinte), Regina (ouvinte) e Cunha (ouvinte):

Pesquisador:	Você considera importante a ELiS para sua formação?
[7] Anny (ouvinte):	<i>Sim. Pois é uma forma de registrar a Libras. Durante esse tempo me fez aprender muitos sinais e, também, pode melhorar o domínio na língua, pois eu realmente aprendo como fazer o sinal (momento em que a aluna menciona sobre o período em que esteve aprendendo ELiS).</i>
[8] Regina (ouvinte):	<i>Sim, considero. Eu acredito que a escrita faz parte da cultura de um povo, né?! Na língua de sinais, também não é diferente, a escrita de sinais também faz parte da cultura do povo Surdo. Então é uma forma de retratar esse povo, de retratar sua vivência social. A escrita pode fazer isso. Eu penso que a escrita pôde contribuir, sim, para minha formação, pois eu pude, em vários momentos, expressar o que eu pensava por escrito.</i>
[9] Cunha (ouvinte):	<i>Sim. Quando eu conheci a ELiS, eu me apaixonei demais, eu percebi: agora sim eu aprendo Libras. Eu, como aprendiz, gosto de registrar, eu anoto tudo, professor respira eu anoto (risos). Eu registro sempre quando posso. Nas aulas de Libras, eu sentia falta disso. Então, quando não conhecia a ELiS, eu registrava do meu jeito. Essas anotações eram muito esquisitas.</i>

Fonte: Dados da entrevista.

Esses discursos enfatizam a importância da escrita como um instrumento eficiente capaz de reter conhecimento, seja por mapas conceituais, resumos ou textos (DOLZ; GAGNON; DECÂNDIO, 2010; SEBBA; FERREIRA, 2017). Segundo Sebba e Ferreira (2017), a escrita tem um papel importantíssimo para o desenvolvimento de estratégias na língua que os/as alunos/as estão aprendendo. Nos relatos de Anny, Regina e Cunha, por exemplo, as alunas utilizam a escrita para se expressar, se comunicar, aperfeiçoar, registrar e reforçar o conteúdo ensinado pelos/as professores/as.

Possibilidade de memorização dos sinais

Outro aspecto positivo mencionado pelos/as participantes foi o fato de a escrita poder ajudá-las na memorização dos sinais em Libras, como podemos observar nos relatos de Magalhães e de Dri.

Pesquisador:	Você considera importante a ELiS para sua formação?
[10] Magalhães (ouvinte):	<i>Acho muito importante, pois é uma forma de memorizar o sinal que foi feito em sala de aula e, assim, impedir que seja esquecido depois.</i>
[11] Dri (ouvinte):	<i>Sim. Eu percebo que ajuda muito a gravar os sinais.</i>

Fonte: Dados da entrevista.

Esses enunciados trazem reflexões importantes para o ensino de Libras, pois indicam uma possibilidade prática de inserção da modalidade de escrita de sinais (ELiS) em sala de aula, por ser um instrumento que facilita a aprendizagem e a retenção dos sinais. Através da nossa atuação como professores e pesquisadores, notamos que a grande maioria dos/as alunos/as apresentam dificuldades para poder memorizar os sinais que são aprendidos nas aulas. O que geralmente eles/elas fazem é observar como o sinal é feito, sem, no entanto, ter a possibilidade de escrevê-lo. Além disso, quando escrevem, não fazem o uso de uma escrita que represente a forma como os sinais são realizados, mas apenas descrições em português ou desenhos.

O excerto 12, por exemplo, retrata muito bem o que a maioria dos/as estudantes de Libras enfrenta para aprender Libras. Cunha (ouvinte) afirma que o contato com a escrita de sinais tem sido muito importante para ela, pois tem lhe possibilitado um maior contato com a língua. Além disso, a participante considera importante que os/as professores de Libras utilizem a ELiS em sala de aula, pois isso lhe dará mais oportunidade de registrar por escrito os conteúdos aprendidos em sala de aula.

Pesquisador: *Você considera importante o professor de Libras utilizar a ELiS em sala de aula?*

[12] Cunha (ouvinte): *Eu acho essencial. Porque, se no começo quando comecei à estudar Libras, tivesse ELiS junto, eu acredito que teria uma bagagem melhor em Libras, uma bagagem melhor de conhecimento de sinais. Porque como eu disse, tudo eu registro. Nas aulas de Libras, eu não consigo registrar os sinais. A gente esquece mesmo. Eu, por exemplo, não tenho contato com a língua no dia a dia. Como eu vou praticar em casa se eu não tenho os sinais anotados? Eu não tenho memória para memorizar tudo que é ensinado em sala de aula.*

Pesquisador: *E quando você não registra os sinais, você procura aprender como?*

Cunha (ouvinte): *Eu procuro os vídeos no Youtube, mas há muitas variações dos sinais. Além disso, comprei o dicionário de Capovilla, mas as imagens não são suficientes para eu compreender.*

Pesquisador: *E quando se formar, você pretende utilizar ELiS nas suas aulas?*

Cunha (ouvinte): *Pretendo sim.*

Fonte: Dados da entrevista.

Os relatos 11 e 12 evidenciam que o uso de sistemas de escritas de sinais, em sala de aula, pode colaborar para o registro e para a aprendizagem de uma língua de sinais, como também é uma oportunidade para os/as alunos/as registrarem os sinais por escrito e, depois, poder memorizá-los. Nas palavras de Silva (2009, p. 53), o uso das escritas de sinais constitui-se como uma “estratégia de construção de significados e método de estudo, pois facilita a lembrança e a recuperação da informação guardada na memória”.

Oportunidade de aprimoramento da língua

Nos exemplos a seguir, Cimi (ouvinte) e Gomes (ouvinte) relatam que, quando escrevem em ELiS, elas podem melhorar a competência linguística e a reflexão sobre a língua, pois são capazes de verificar a forma como os sinais são produzidos, como podemos observar nos seguintes relatos:

Pesquisador:	<i>Você considera importante a ELiS para sua formação?</i>
[13] Cimi (ouvinte):	<i>Muito importante. Porque facilita e ajuda no aprendizado da Libras. Você pode anotar e escrever corretamente os sinais, evitando erros e vícios. Eu aprendi muitos sinais nas aulas de ELiS quando fazia a leitura dos textos passados pela professora.</i>
[14] Gomes (ouvinte):	<i>Sim, considero. Eu acho que todos os alunos deveriam escrever nas aulas. Quando comecei a aprender ELiS, percebi que pude aprender muitos sinais e ver a forma mais certa de fazê-los.</i>

Fonte: Dados da entrevista.

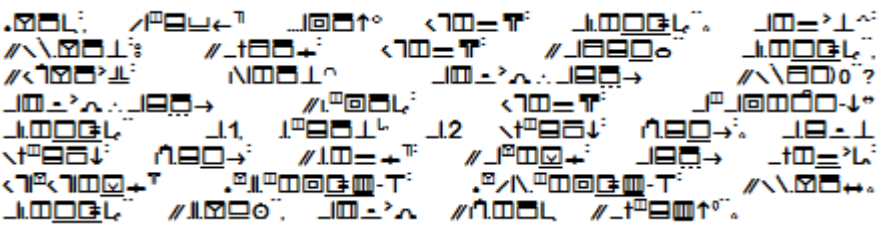
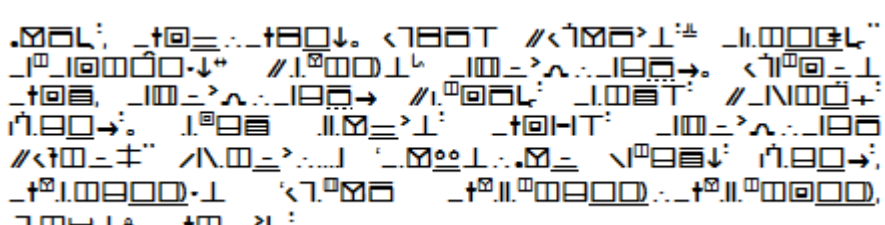
Como podemos observar no relato das alunas, a partir da escrita elas podem praticar a

forma como os sinais são realizados e refletir sobre sua produção. Nesse sentido, ao verificar e corrigir os erros na produção sinalizada, as aprendizes fizeram, em vários momentos, reflexões metalinguísticas sobre a Libras, fato também que aconteceu no estudo de Freitas e Figueiredo (2019).

Nesse sentido, a conquista desse conhecimento é fundamental para que o indivíduo comece a ler e escrever, relacionando cada visografema (letra) a um sinal de Libras. Dessa forma, a ELiS pode auxiliar o desenvolvimento e a apropriação da língua de sinais, visto que escrever implica um processo de reflexão sobre a língua que está sendo utilizada (FREITAS; FIGUEIREDO; BARROS, 2019).

Oportunidade de ensinar aos futuros alunos

A análise dos dados referentes à oportunidade de ensinar a ELiS a seus/suas futuros/as alunos/as, especialmente às crianças Surdas, é vista como um aspecto positivo para Carol (ouvinte), Rafaela (Surda) e Serena (Surda), pois, segundo elas, os/as Surdos/as precisam escrever na língua deles/as, como podemos observar a seguir:

Pesquisador:	<i>Você considera importante a ELiS para sua formação?</i>
[15] Carol (ouvinte):	<p><i>Há um tempo, eu considerava que não era necessário aprender ELiS. Eu considerava que o Surdo tinha que aprender Libras e aprender o português escrito, já que o português é a língua majoritária do país. Eu continuo pensando que o Surdo precisa aprender o português escrito. Na minha formação, eu acho necessário, sim, aprender ELiS. Eu tenho que introduzir no ensinamento do Surdo a escrita da língua de sinais. Toda língua precisa de uma escrita. Futuramente, eu espero que o Surdo comece a aprender Libras juntamente com ELiS.</i></p>
[16] Rafaela (Surda):	 <p><i>[Sim, eu acho muito importante aprender ELiS. Eu penso o seguinte: se eu não aprender ELiS agora, como vou ensinar às crianças no futuro? Eu acho que as crianças devem, sim, aprender Libras e ELiS como primeira língua e depois, como segunda língua, o português escrito. A língua portuguesa escrita, por exemplo, é muito difícil para uma criança poder associar verbos e pronomes numa frase. A escrita de sinais é muito visual e isso permite que a criança possa aprender melhor.]</i></p>
[17] Serena (Surda):	 <p><i>[Sim, considero. Eu quero ensinar ELiS e Libras, juntos, para as crianças. Eu acho que as crianças precisam ter acesso, também, à modalidade escrita. Eu recorro na minha infância que a maneira que eu me comunicava era apenas na modalidade escrita em língua portuguesa, eu perguntava para os meus pais os significados das palavras, mas não conseguia entender.]</i></p>

Fonte: Dados da entrevista.

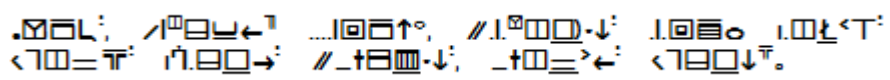
Esses relatos convergem com as ideias de Pontin e Silva (2010, p. 7) quando afirmam que

[é] de suma importância aos alunos Surdos o acesso a duas línguas, a língua portuguesa e a língua de sinais, pois isso possibilita a construção do sujeito Surdo enquanto cidadão na sociedade, mas isso poderá ser bem alcançado quando a escrita do português for introduzida depois da escrita de sinais, estimulando, assim, leitura e escrita.

Nesse sentido, a aquisição da ELiS na alfabetização pode favorecer o/a aluno/a Surdo/a, falante de Libras, a pensar, teorizar e refletir sobre o mundo que o cerca, uma vez que o indivíduo escreve e expressa suas ideias, graficamente, por meio de um sistema que contempla sua forma de construção dos sinais nas línguas sinalizadas. Nesse sentido, concordamos com a fala de Fernandes (2015) quando afirma que a ELiS tem o objetivo de dar ao sujeito Surdo o direito de se expressar em sua própria língua, proporcionando a ele uma maior independência linguística ao registrar qualquer sentimento e emoção na modalidade escrita.

Oportunidade de aprimoramento profissional

Nessa categoria, alguns/algumas participantes relataram que a aprendizagem de ELiS é importante para garantir uma formação sólida, contribuindo para suas formações como docentes de Libras, como explicam Sebastiana (ouvinte), Juliana (ouvinte) e Amanda (ouvinte). Para Pedro (Surdo), a disciplina colabora para sua formação, pois é uma oportunidade de poder refletir e aprender a usar a escrita nas aulas, como podemos observar a seguir:

Pesquisador:	<i>Você considera importante a ELiS para sua formação?</i>
[18] Sebastiana (ouvinte):	<i>Sim! Porque se estou me formando para ser professora de Libras e existe uma escrita da língua, é necessário que eu tenha domínio da escrita.</i>
[19] Juliana (ouvinte):	<i>Sim. Porque para ser professor de qualquer língua, precisamos, no mínimo, conseguir escrevê-la.</i>
[20] Pedro (Surdo):	 <p><i>[Sim, eu acho importante, pois é uma forma de a gente poder aprender a usar a escrita nas aulas.]</i></p>
[21] Amanda (ouvinte):	<i>Sim. Para ter uma formação completa na Libras, preciso saber suas modalidades. Conhecer apenas a sinalização e não a escrita, seria como um falante de língua oral que não sabe escrever.</i>

Fonte: Dados da entrevista.

Nesses exemplos, notamos que os/as alunos/as consideram a ELiS como um instrumento importante tanto para o seu processo de aprendizagem quanto para a sua formação profissional. Para Sebastiana, Juliana e Amanda, é preciso, na prática docente, ter domínio de ambas as modalidades, tanto a escrita como a sinalizada. A fala das participantes dialoga com as afirmações de Bianchetti (1996, p. 90) sobre a importância de os/as professores/as de línguas dominarem a modalidade escrita. Para o autor, é “impensável imaginar um professor que não escreve, quanto imaginar um pedreiro que não saiba manejar uma espátula”. Entretanto, essa citação deve ser vista com cuidado no que se refere aos professores que trabalham com o ensino de Libras, já que ainda é muito recente a possibilidade de escrita para essa modalidade. No entanto, a fala das participantes provoca em nós, professores/as, a necessidade de não dominar apenas a modalidade sinalizada, mas também a modalidade escrita.

Aspecto negativo

Sobre os pontos negativos percebidos pelos/as participantes desta pesquisa, vejamos as respostas dos/as alunos/as a seguir.

O fato de o ensino de Libras e de ELiS ainda não estar inserido nas escolas como disciplina obrigatória

Nesta pesquisa, apenas um participante relatou que, devido ao fato de o ensino de Libras e de ELiS ainda não estar inserido nas escolas como disciplina obrigatória, ele não vê relevância em aprender essa modalidade escrita, como é possível observar no relato a seguir:

Pesquisador:	Você considera importante a ELiS para sua formação?
[22] Ricardo (ouvinte):	<i>Sinceramente ainda não. Eu entendo a importância da ELiS, acho que seria mais fácil para alfabetização do aluno Surdo se tivesse a escrita de sinais com a Libras, mas eu acho que, no atual cenário em que estamos hoje, não parece importante, pois a Libras e a ELiS não estão, ainda, nas escolas.</i>

Fonte: Dados da entrevista.

Esse relato nos leva a pensar sobre o processo de formação de crianças Surdas nas escolas. Ao mesmo tempo, nos leva a refletir sobre a proposta política pedagógica de educação de Surdos/as no Brasil, o *bilinguismo*. O bilinguismo retrata uma luta em busca de direitos às crianças Surdas. Uma luta, a princípio, válida, pois busca garantir o direito de “igualdade” de ensino a esses indivíduos. Segundo Lodi (2013), nessa abordagem filosófica, o/a Surdo/a tem a oportunidade de conviver com as duas línguas, a Libras na sua modalidade sinalizada e a língua portuguesa na sua modalidade escrita.

Conforme explicam Oliveira e Figueiredo (2017, p. 184), “as políticas públicas atuais não delegam a obrigatoriedade”, no Brasil, de ensino das modalidades de escritas de sinais. Dessa forma, entendemos que a atual proposta de educação bilíngue nega o direito da criança Surda ao conhecimento e à consciência da existência de uma escrita de sinais, bem como nega a importância desse sistema de escrita como um instrumento fundamental para o registro das línguas de sinais e como um instrumento de comunicação.

Assim, tais políticas precisam ser revistas, pois, na escola, as crianças não podem ficar reféns de uma pedagogia que valorize uma escrita que não traz nenhuma identificação com as línguas de sinais. O ensino para crianças Surdas, nas escolas, não pode se pautar apenas na modalidade sinalizada ou no português escrito. Essas crianças precisam ter o direito de escrever em ambas as línguas, pois, assim, elas terão autonomia no processo de escrita e leitura.

De acordo com Kato (2000, p. 7),

[a] função da escola, na área da linguagem, é introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão funcionalmente letrado, isto é, um sujeito capaz de fazer o uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender as várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como instrumento de comunicação.

Dessa forma, é importante que nós, professores, incentivemos nossos/as alunos/as a escrever, pois, assim, será possível fazer com que as crianças, jovens e adultos, presentes nesse contexto educacional, possam fazer escolhas adequadas ao participar das práticas sociais de leitura e escrita.

Considerações Finais

Este estudo buscou verificar quão importante é a disciplina de escrita de sinais (ELiS) para a formação acadêmica e profissional dos participantes. Assim, por meio das respostas dos/as estudantes na entrevista, pudemos verificar que os/as aprendizes mencionaram que a disciplina é importante porque eles/elas têm oportunidade: de registro e de comunicação; de memorização dos sinais; de aprimoramento da língua; de ensinar à/aos futuras/os alunas/os; e de aprimoramento profissional.

Apenas Ricardo (ouvinte) mencionou como aspecto negativo a falta de reconhecimento do ensino de Libras e da ELiS como disciplina obrigatória nas escolas. No entanto, o participante afirmou que seria mais fácil no processo de alfabetização de Surdos/as se a escrita de sinais fosse ensinada concomitantemente com a Libras.

Nesse sentido, as respostas dos/as alunos/as levam-nos a nos conscientizar da importância que a disciplina tem para a aprendizagem de Libras, uma vez que eles/elas podem registrar os conteúdos que são aprendidos em sala, se comunicar por escrito com seus/suas colegas e professor/a, aprimorar e refletir sobre a língua e, por último, ser formados como futuros/as professores/as de Libras que serão capazes de ensinar tanto a modalidade sinalizada quanto a modalidade escrita.

Por fim, a realização deste estudo pôde trazer algumas implicações importantes sobre o processo de ensino-aprendizagem de ELiS, principalmente em relação ao seu uso nas aulas, visto que pode: propiciar aos alunos a troca de conhecimento e de informações linguísticas conceituais na modalidade escrita; promover maior participação dos/as estudantes na execução das tarefas, uma vez que as aulas terão uma dinâmica diferente das que eles/elas estão acostumados; e propiciar oportunidades para os/as alunos/as fazerem leitura em Libras.

Desse modo, esperamos, com base nos resultados desta pesquisa, que os/as alunos/as tenham mais oportunidades de dialogar e refletir sobre as suas produções através da ELiS. Portanto, cabe a nós, professores/as, a responsabilidade de promover mais tarefas nessa perspectiva.

Referências

- AGUIAR, A. C. N.; VICENTE, H. G. O lugar do input e dos conhecimentos implícito e explícito na aquisição de L2 e na aprendizagem da escrita do PB. **Working Paper em Linguística**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 93-110, ago./dez. 2017.
- ARAÚJO, M. A. F. FIGUEIREDO, F. J. Q. de. Interação e colaboração no processo de escrita e reescrita de textos em língua inglesa. **Revista Desempenho**, v. 1, n. 24, p. 1-20, 2015.
- BARROS, M. E. **ELiS: sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais**. Porto Alegre: Ed. Penso, 2015.
- BIANCHETTI, L. Escrever uma das armas do professor. In: BIANCHETTI, L. (org.). **Trama & Texto – Leitura crítica e escrita criativa**. São Paulo: Ed. Plexus, 1996. p. 89-108.
- BOTTÉRO, J. MORRISON, K. **Cultura, pensamento e escrita**. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- COULMAS, F. **Escrita e sociedade**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- DOLZ, J.; GAGNON, R. DECÂNDIO, F. **Produção escrita e dificuldades de aprendizagem**. Campinas, SP.: Mercado de Letras: 2010.
- FELIPE, T. A. **Libras em contexto: curso básico, livro do estudante cursista**. In: BRASIL. MEC, SEESP. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, 2001.
- FERNANDES, L. A. **ELiS – internacionalização da escrita das línguas de sinais**. Saarbrücken,

Alemanha: novas Edições Acadêmicas, 2015.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREITAS, G. G. de. **Escrevendo em Libras/ELiS**: estratégias de produção colaborativa de textos, análise de erros e percepção dos alunos surdos e ouvintes. 2020. 257 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFG_740e2401e5708a4afc3a0850f0d26487. Acesso em: 13. maio 2022.

FREITAS, G. G. de.; FIGUEIREDO, F. J. Q. de. O processo de colaboração na produção de textos em Escrita das Línguas de Sinais (ELiS): um estudo sobre as interações entre alunos surdos. **Pensares em Revista**, São Gonçalo-RJ, n. 14, p. 52-73, 2019.

FREITAS, G. G. de.; FIGUEIREDO, F. J. Q. de.; BARROS, M. E. Por que escrever em língua de sinais? **Revista diálogos** (RevDia), v. 8, n. 2, p. 54-69, 2019.

GOMES, V. M. A.; RIOS, L. M.; OLIVEIRA, A. A. de. Produção Oral. In: FIGUEIREDO, F. J. Q. de. (org.). **Formação de professor de línguas estrangeiras**: princípios e práticas. 2. ed. rev. ampl. Goiânia: Editora UFG, 2017. p. 101-124.

HIGOUNET, C. **História concisa da escrita**. São Paulo: Parábola, 2003.

KATO, M. A. **No mundo da escrita**: Uma perspectiva psicolinguística. 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

KLIMOVA, B. F. The importance of writing. **PARIPEX - Indian Journal of Research**, v. 2, n.1, p.9-11, 2013.

KRAMER, S. Pão e ouro – burocratizamos a nossa escrita? In: BIANCHETTI, L. (org.). **Trama & Texto – Leitura crítica e escrita criativa**. São Paulo: Ed. Plexus, 1996. p. 169-175.

LIMA, L. M. de.; SILVA, C. A. M. Compreensão oral. In: FIGUEIREDO, F. J. Q. de. (org.). **Formação de professores de línguas estrangeiras**: princípios e práticas. 2. ed. rev. e ampl. Goiânia: Editora UFG, 2017. p. 151-174.

LODI, A. C. B. Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05. **Revista Educação Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 49-53. 2013.

LUIZ, A. J.; LUNARDI, G. M.; ROCCA, J. S. D.; SOUZA, J. L.; LUZ, L.; PISKE, R. Reminiscências de escritores em desenvolvimento: o processo de escrito do ponto de vista dos alunos. In: BIANCHETTI, L. (org.). **Trama & Texto – Leitura crítica e escrita criativa**. São Paulo: Ed. Plexus, 1996. p. 182-189.

MORAES, F. F. da S. Formação de professores de Libras: o ensino da escrita de sinais nas licenciaturas em Libras. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 6, p. 1-29, 2021.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia de pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

McCLEARY, L.; VIOTTI, E.; LEITE, T. A. Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados. **Revista de Linguística Alfa**, São Paulo, v. 54, n. 1, p. 265-289, 2010.

OLIVEIRA, Q. M. de; FIGUEIREDO, F. J. Q. de. Educação dos surdos no Brasil: um percurso histórico e novas perspectivas. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 173-196, 2017.

PAIVA, F. A. S.; DE MARTINO, J. M.; BARBOSA, P. A.; BENETTI, A. B.; SILVA, I. R. Um sistema de transcrição para língua de sinais brasileira: o caso de um avatar. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 12-48, 2016.

PONTIN, B. R.; SILVA, E.V. L. Língua escrita: português/sinais (SW). **Anais do IX Encontro do CELSUL Palhoça**, SC, out. 2010. Universidade do Sul de Santa Catarina. 2010.

PORTELA, G. A leitura e a escrita na escola: desafios e propostas para o professor de língua e redação. *In*: GERHARDT, A. F. L. M. (org.). **Ensino-Aprendizagem na perspectiva da Linguística Aplicada**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 117-136.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

RIGO, N. S. Tradução de textos acadêmicos de português para língua brasileira de sinais: o emprego de elementos do design editorial como soluções tradutórias. **Revista Translatio**, Porto Alegre, v. 1, n. 15, p. 173-196, 2018.

SANTIAGO, V.A. A. O uso da anotação da língua de sinais na apresentação de publicações acadêmicas: analisando as escolhas que favorecem o entendimento do leitor. *In*: IV Congresso Brasileiro de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. 2014, Florianópolis – SC: UFSC. **Anais [...]**, p. 1- 7. 2014

SEBBA, M. A. Y.; FERREIRA, M. C. F. D. Produção escrita. *In*: FIGUEIREDO, F. J. Q. de. (org.). **Formação de professor de línguas estrangeiras**: princípios e práticas. 2. ed. rev. ampl. Goiânia: Editora UFG, 2017. p. 83-100.

SILVA, T. S. A. **A aquisição da escrita pela criança surda desde a Educação Infantil**. 2008. 227 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

SILVA, T. S. A.; BOLSANELLO, M. A. Atribuição de significado à escrita, por crianças surdas usuárias de língua de sinais. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 2, p. 129-142, 2014.

SOFIATO, C. G. REILY, L. Dicionários e manuais de língua de sinais: análise crítica das imagens. *In*: LACERDA, C. B. F. de.; SANTOS, L. F. dos. (org.). **Tenho um aluno surdo, e agora?**. São Carlos: EdUFSCar, 2018. p. 149-162.

Recebido em 9 de agosto de 2022.
Aceito em 21 de novembro de 2022.